



“Defenda a diversidade”. Apoiadora da ação afirmativa segura cartaz diante da Suprema Corte dos EUA em protesto em Washington contra a decisão do órgão que mudou jurisprudência de 45 anos

## ENTREVISTA

**Ana Lúcia Araújo** / PROFESSORA DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE HOWARD

Especialista alerta para riscos com decisão da Corte e explica que ações afirmativas nos EUA não são o equivalente da política de cotas no Brasil

MARINA GONÇALVES marina.goncalves@oglobo.com.br

# ‘A PRINCIPAL PREOCUPAÇÃO AGORA SÃO OS DIREITOS CIVIS’

Para Ana Lúcia Araújo, especialista na história transnacional da escravidão da Universidade Howard, nos EUA, a decisão da Suprema Corte americana de declarar inconstitucionais os programas de admissão em universidades com base na cor da pele ou na origem étnica, abre uma caixa de pandora que pode enfraquecer a promoção da diversidade também no mundo do trabalho. Ela explica que a grande maioria dos alunos que pertencem a minorias

raciais tem acesso às universidades por mérito próprio e não por causa das ações afirmativas, “como querem fazer crer aqueles que se opõem ao critério racial nas decisões sobre admissões”. E faz um alerta: “A principal preocupação agora são os direitos civis. Entre outras, a dificuldade crescente das minorias em ter acesso ao direito de votar.”

**Quando e em que contexto foram criadas as ações afirmativas? Qual a sua**

**importância para o país na reversão dos efeitos nocivos da segregação racial?**

As ações afirmativas foram criadas no contexto do movimento dos direitos civis na década de 1960. Apesar do foco no componente racial, as ações afirmativas têm como objetivo remediar várias disparidades, inclusive entre homens e mulheres e entre pessoas brancas e de outros grupos raciais, principalmente os africanos-americanos, que continuaram sem acesso aos direitos civis até a década de 1960. No caso da educação, as ações afirmativas tinham como objetivo garantir o acesso das minorias (inclusive os negros) às instituições de ensino historicamente brancas.

**Os setores de admissões das universidades nos Estados Unidos terão de se adaptar à decisão. Quais serão os efeitos**

universidade dos EUA, era o manter um certo equilíbrio de diversidade na instituição. Esse sistema busca garantir que haja um número mínimo de negros e hispânicos. No caso da população negra, sabemos que os EUA tiveram escravidão e, até poucas décadas atrás, segregação. Naturalmente, essa população tem menos oportunidades do que brancos e mesmo filhos de imigrantes da Ásia e outras partes do mundo.

Alguns alunos asiáticos, no entanto, realmente eram prejudicados por esse processo porque Harvard e outras universidades indiretamente impõem uma cota máxima

**imediatos no próximo ano letivo?**

É cedo ainda para dizer, já que o processo de admissões já vai começar e as universidades têm uma grande latitude para escolher um corpo estudantil diverso com base em uma variedade de fatores. Também é importante ter em mente que, em 2023, a grande maioria dos alunos que pertencem a minorias raciais tem acesso às universidades por mérito próprio e não por causa das ações afirmativas como querem fazer crer aqueles que se opõem ao critério racial nas de-

cisões sobre admissões.

**Edward Blum, fundador e presidente da Students for Fair Admissions (Estudantes pelas admissões justas, em tradução livre do inglês), disse que o grupo estaria “vigilante” para garantir que as universidades aderissem à decisão, alertando os líderes para não tentarem criar soluções alternativas para considerar a raça como critério de acesso. A decisão impediria totalmente as universidades de perseguir metas de diversidade semelhantes às ações afirmativas?**

A decisão não previne a promoção da diversidade, mas cria vários obstáculos em um contexto em que em vários estados, como a Flórida, já existe um ataque direto aos escritórios das universidades que tem como objetivo promover e educar seu corpo professoral, discente e funcionários na promoção da diversidade. A declaração de Blum também mascara o fato de que as ações afirmativas nos Estados Unidos não são o equivalente da política

de cotas no Brasil e que a maioria [de integrantes] das minorias que entram hoje em universidades predominantemente brancas nos Estados Unidos não o fizeram por conta das ações afirmativas.

**Como as universidades manterão outras preferências não acadêmicas, como dar vantagem aos filhos de doadores e ex-alunos e a determinados tipos de atletas?**

É uma excelente pergunta. As universidades predominantemente brancas de elite como Harvard, Columbia, Stanford, Princeton e dezenas de outras não parecem ter nenhum plano claro para eliminar as admissões que consideram os vínculos familiares, ou seja, alunos cujos familiares estudaram na universidade. Em alguns casos, essas admissões chegam a quase 50% dos novos alunos. Também não há planos claros para eliminar as vantagens para a admissão de atletas.

**Biden disse que as universidades americanas “são mais fortes quando há diversidade racial”, e vários estudos comprovam que a diversidade racial é positiva, inclusive, no desempenho dos alunos. Como essa medida pode afetar a comunidade acadêmica como um todo?**

Vai afetar de várias formas, inclusive com situações em que potenciais candidatos pertencendo a grupos minoritários vão se sentir intimidados, desencorajados, para se candidatar a certas universidades.

**A decisão poderia se expandir além das faculdades e universidades em todo o país, por exemplo, levando os empregadores a repensarem como consideram a questão na contratação?**

Possivelmente. A decisão abre uma caixa de pandora que pode enfraquecer a promoção da diversidade também no mundo do trabalho nos lugares onde ela existe.

**A decisão é mais uma medida recente da Suprema Corte dos EUA que reverte políticas progressistas históricas no país. Como essa nova formação da Corte afeta essas políticas a longo prazo?**

O fim das ações afirmativas já vem ocorrendo na linha de outras derrotas como a questão dos direitos reprodutivos. A principal preocupação agora são os direitos civis. Entre outras, a dificuldade crescente das minorias em ter acesso ao direito de votar.

## ANÁLISE

### Ação afirmativa acaba e ricos como Bush seguem beneficiados

GUGA CHACRA internacio@oglobo.com.br NOVA YORK

Depois de avaliar o histórico acadêmico, cartas de recomendação e redações, um grupo seleto de alunos é levado para a etapa da decisão para o ingresso de novos estudantes em Harvard. Nesta fase, segundo a Suprema Corte dos EUA, a universidade leva em consideração:

- 1) *legacy status* (basicamente, se os antepassados estudaram em Harvard);
- 2) a capacidade para pagar a universidade;
- 3) se os estudantes foram recrutados como atletas;
- 4) raça (basicamente, a ação afirmativa).

No último item, o objetivo de Harvard, e da maioria das

para estudantes com essa origem. Certos candidatos com notas excelentes, boas cartas de recomendação e também com atividades extracurriculares, como tocar piano, por exemplo, acabavam não sendo aceitos. Na visão deles, o item 4, da raça, seria o responsável. A Suprema Corte, por 6 votos a 3, concorda com esses estudantes asiáticos. A votação seguiu as tendências ideológicas com os juízes conservadores votando por acabar com a ação afirmativa, e os progressistas se posicionando de forma contrária.

Sem dúvida, o fato de serem asiáticos certamente

afetava na decisão final. Mas não podemos deixar de levar em consideração os itens 1, 2 e 3. Começamos pelo primeiro. O fato de alguém ter o pai, a mãe ou avós como ex-alunos de Harvard favorece um estudante que queira estudar na universidade. Difícil pensar em algo mais elitista. Ter a capacidade de pagar a anuidade integralmente também é outro ponto positivo. E esportes? De fato, basquete e futebol americano são modalidades com grande diversidade. Mas e outras como remo, vela, polo aquático, vela, squash, lacrosse? Costumam ser restritas a escolas privadas nas quais o total de

estudantes brancos é maior.

Quer saber que tipo de pessoa era e continuará sendo beneficiada pelo sistema? George W. Bush. Péssimo aluno no ensino médio (*high school*), foi aceito em Yale (e depois na Harvard Business School), onde seu pai, um milionário da área de petróleo que viria a ser presidente dos EUA, e seu avô, então senador por Connecticut, estudaram. Também jogava beisebol. Basicamente, encaixava-se nos itens 1 (*legacy*), 2 (podia pagar e doar dinheiro) e 3 (atleta). Nenhum desses pontos será tocado pela decisão da Suprema Corte.